

Nuno Sousa Vieira

Nasci num dia curto de Inverno

De 18 de Maio a 18 de Junho de 2017

Quanto peso aguenta a memória?

Nuno Sousa Vieira tem vindo a apresentar nos últimos anos uma série de exposições que partem de premissas com uma coerência interna singular e concetualmente densas. Aquilo que define essas intervenções é o trânsito entre a realidade de um universo material apropriado do espaço do seu ateliê e os espaços de exposição que vai trabalhar. Não se trata de uma simples passagem de obras de um espaço para o outro, como tradicionalmente se verifica, antes de uma incessante busca de significado naquilo que formal e institucionalmente esse movimento representa.

A questão central, aqui, desdobra-se a partir de um dado biográfico muito particular: o artista veio a ocupar as antigas instalações da fábrica de plásticos Simala onde o seu pai tinha trabalhado. Exercício de memória imersivo, defronta-se não só com a riqueza palpável de arquiteturas, objetos e documentos, como com o fluxo fantasmático de vivências e rotinas imaginadas ou reencenadas.

No devir estratégico deste conjunto de *exposições-ações* um segundo momento tem vindo a ser invariavelmente determinante: a reconfiguração e a alteração dos espaços, em movimentos de corte, incisão, inscrição, desvio, adição ou subtração de estruturas que lhes definem o carácter: portas, janelas, muros ou acessos são retirados ou alterados, normalmente num exercício substitutivo que transporta a realidade do ateliê que assim estabelece um diálogo curto-circuitado com a dimensão convencional do *culo branco* e suas derivações.

Como se referiu, este diálogo ganha deste modo uma espessura muito particular, exatamente na medida em que opera no campo estriado da formalização contextual, ao que se aduz uma narratividade que não só altera os pontos de partida estruturais (o triângulo fábrica-ateliê-galeria/museu) como as suas dimensões históricas, simbólicas, sociais e políticas.

Este tipo de reconfiguração objetual não só reforça o sentido de um gesto inquiridor sobre a obsolescência característica das sociedades tardo-capitalistas, como interpreta em registo autobiográfico as diferenças entre a produção anónima e massificada e a produção artística. O quotidiano resgatado enquanto dispositivo feito para o pensamento. Mais do que uma crítica estrita e unívoca sobre uma realidade que se sabe irreversível, o artista inscreve-se como autor e ator num processo de redescoberta de si através do passado. A tensão inscrita nos desdobramentos das suas peças é certamente uma tensão existencial.

Os plásticos outrora fabricados começaram a invadir a paisagem doméstica essencialmente a partir dos anos sessenta. É precisamente nessa década que operam muitos dos artistas que pressentimos serem uma presença importante no universo criativo de Nuno Sousa Vieira: de Bruce Nauman a Michelangelo Pistoletto, toda uma série de atitudes e ações são convocadas nessa época que não só questionavam os modelos institucionalizados de criação, como convocavam uma perceção expandida, integrando de forma decisiva a experiência física da obra na sua apreensão completa. O círculo fecha-se de forma um tanto ao quanto paradoxal: a aproximação aos modelos de produção industrial da arte nesses anos sessenta reverte agora num resgate através do gesto único. A contradição representa a situação contemporânea com cristalina transparência, já que o que se sublinha são falências consecutivas de ciclos históricos que se apresentavam como estáveis e tendencialmente universais. Ou seja, o autor está a tocar numa das mais decisivas discussões que percorrem a contemporaneidade e que se poderia classificar como a permanência de um sentimento moderno que todavia ainda não se erodiu nas suas bases mais ou menos permanentes. Se hoje se assiste, por exemplo, a uma ampla discussão sobre a democracia e os modelos de representação parlamentar, representação parlamentar, convém referir a sua própria dinâmica constitutiva e de estratificação histórica para melhor apreender como foram decisivas conquistas hoje dadas como garantidas. O mesmo se passa com a chamada globalização que se viu antecedida de todos os quesitos de universalidade inerentes à utopia moderna e que hoje em dia se vê implodida por um surto de localismos e regionalismos mais ou menos radicais.

É, portanto, na certeza da falência de ciclos sociais e culturais que determinaram a construção do edifício moderno que os artistas contemporâneos têm de encontrar espaço de manobra. Essa certeza é também a certeza da incongruência e parcialidade das narrativas alternativas, atomizadas entre um desígnio de eficácia no curto prazo, o atavismo de um sentimento de não-pertença (responsável, por exemplo, por um massificado abandono cívico da coisa pública), o populismo sem-vergonha, e as mais ou menos inconsequentes manifestações de verdadeira mudança de paradigma. Resultado: continuam, isso sim, a ser absolutamente centrais as questões fundadoras da modernidade e continuam, como tal, a ser indispensáveis reposicionamentos críticos perante tais questões, não só no âmbito social e político, como também na esfera artística.

Vem tudo isto a propósito da relação da obra de Nuno Sousa Vieira com a memória. Como vimos, inscrita na esfera autobiográfica, a sua prática transcende-a com a densidade exigida a um edifício conceitual que se coloca no centro das mais pertinentes interrogações sobre o devir da arte contemporânea. A forma como articula e convoca modos de receção diferidos é central na presente exposição, tal como o fora em momentos anteriores. Na verdade, ao convocar deslizamentos operativos que se traduzem numa espécie de construção desviante de *doppelgängers* das suas esculturas, o artista obriga o espetador a uma receção temporalizada na diferença e ancorada na estranheza. Persegue-se aqui a sobreposição voluntária de um mesmo guião expositivo, como se a mesma exposição se repetisse num só espaço expositivo, tornando a obsolescência não só o motivo de partida previsível na grelha conceitual, como argumento intrínseco à produção artística contemporânea. Isto é, tratando-se de um exercício de memória idiossincrático, este estende-se à capacidade percetiva do observador, confrontado com uma experiência disfuncional do espaço, já que povoado de armadilhas visuais onde aquilo que parece por vezes é, mas que concomitantemente pode não ser.

Não pretende este texto elucidar essas discrepâncias e esses desvios. Nuno Sousa Vieira joga como poucos nesse tabuleiro ao convocar, quando pretende, um completo dispositivo de explicação ou aproximação (mais ou menos literal) aos seus trabalhos. Por vezes, as suas “listas de procedimentos” traduzem com absoluta transparência as determinantes processuais da construção das esculturas. No presente caso, parece-me mais operativo sublinhar-se a dimensão totalizante de uma intervenção pensada na articulação inteligente da escultura, do desenho e da instalação para a criação de um espaço questionante da capacidade da arte se estabelecer como ponto de interseção com as memórias individuais na construção de uma verdade-outra.

O que não deixa de ser surpreendente é que esta verdade-outra se alcance, neste caso, por uma espécie de excesso de verdade reiterada. Ainda que profundamente conceitual, a proposta do artista parte de um exercício que à falta de melhor designação apelidaríamos de *hiper-formalização*. As suas esculturas desvendam-se como objetos processuais que atingem um ponto de depuração após movimentos que os desviam das suas contingências iniciais para se ancorarem como dispositivos capazes de atrair um desdobramento inverso ao material, porque a ser exercido por circuitos cognitivos em sentido contrário. Algures entre o minimalismo e a sua *teatralidade*, isto é, a necessidade de perceção da sua envolvente e o modo como a modifica, a arte processual, na descodificação inerente à própria forma, e as respostas contextuais que determinam grande parte da produção contemporânea a determinados desafios ou encomendas, as obras de Nuno Sousa Vieira remetem claramente para temporalidades diferidas. O tempo de sentir, o tempo de entender e o tempo de questionar.

Numa altura em que se assiste a uma proliferação de propostas que remetem para uma revisitação de determinados aspetos da modernidade, onde a apropriação arquivística de material iconográfico ou textual por vezes se traduz numa ingénua e pueril manipulação supostamente artística por via de dispositivos de exposição ou intervenção sobre esses mesmos suportes, algo repita-se, bastante esgotado enquanto formulação estética eficaz, é particularmente gratificante depararmo-nos com universos onde esse tipo de questões se apresentam com maior eficácia, como é o presente caso, justamente porque sabem aliar processos de formalização complexos e exigentes com desígnios maiores onde se interpela o observador criticamente, tanto na sua capacidade de interpretar memórias alheias como pontos cardeais na construção de malhas de entendimento expandidas, como nas interrogações sempre necessárias e bem-vindas em torno da institucionalidade do ato criativo e sua inscrição num sistema de visibilidade mais ou menos convencional.

Nuno Sousa Vieira não só aponta, nas suas exposições, para uma receção performativa, como também já incluiu essa dimensão em projetos anteriores. Esse será o caso na proposta atual de modo quase impercetível. Deixemos apontada uma outra possibilidade para o futuro: como um mistério que cada um decidirá se quer ver resolvido, questione o artista, caro leitor, sobre o título da exposição – “Nasci num dia curto de Inverno”. Estou seguro que a resposta se entregará como performance individual e íntima. E como chave desviante de sentidos unívocos que a arte, quando verdadeiramente arte, sabe construir. Porque é no peso da memória que a construção individual, no seu confronto com o outro e com os seus mundos, se realiza e justifica.